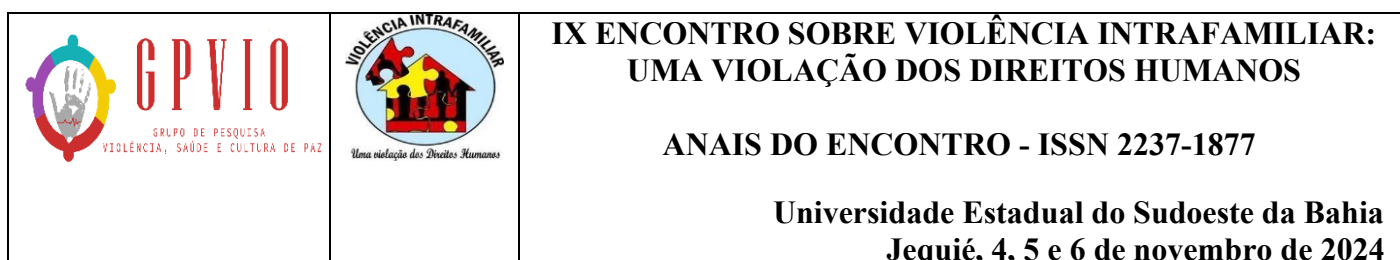


Relato de Experiência



COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA COMO PRÁTICA RESTAURATIVA NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ederlan Antônio de Jesus¹;
Cristiano Araujo Dias²;
Sara de Jesus Santos³
Janine Soares de Matos Ferraz⁴
Romilda Guedes⁵
Vanda Palmarella Rodrigues⁶

Introdução

O uso criativo da linguagem é uma aliada ferramenta para o ambiente escolar, considerando a existência de diversos conflitos em sua dinâmica. Esse pensamento foi norteador para a consecução da sequência didática aplicada para discentes do ensino fundamental de uma escola pública de uma cidade do interior da Bahia, que objetivou desenvolver conteúdos ligados às competências e habilidades no contexto social/escolar (Brasil, 2017). Assim, o planejamento das aulas priorizou a Comunicação Não-Violenta (CNV), embasado em Rosenberg (2006), como prática restaurativa e seus aspectos relacionados à empatia por meio de gêneros textuais.

Na era digital contemporânea, o emprego dos multiletramentos contribui tanto para uma aprendizagem mais significativa quanto para o uso criativo da linguagem, contando com as novas ferramentas digitais que apresentam inúmeras possibilidades de inovação das práticas educativas. Assim, a Base Nacional Comum Curricular busca ampliar o alcance do ensino por meio de novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos e vídeos, tornando

¹ Mestre em Segurança Pública, Justiça e Cidadania pela Universidade Federal da Bahia, Membro do Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. Aluno Especial do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) da UESB. E-mail: ederlanpintrest@hotmail.com.

² Docente do Curso de Graduação no Instituto Federal da Bahia (IFBA). E-mail: cristianodias@hotmail.com

³ Enfermeira. Mestranda em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) da UESB. Membro do Grupo de Pesquisa Violência, Saúde e Cultura de Paz da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. E-mail: sr_sr2@hotmail.com

⁴ Juíza de Direito. Mestre em Segurança Pública, Justiça e Cidadania pela Universidade Federal da Bahia E-mail: jsmferraz@tjba.jus.br.

⁵ Servidora Pública do Tribunal de Justiça da Bahia. Bacharel em Direito. E-mail: romildasguedes@gmail.com

⁶ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da UESB e do PPGES. Líder do GPVIO E-mail: vprodrigues@uesb.edu.br

acessível a produção e disponibilização dos conteúdos através do uso da internet (Brasil, 2017). Essa premissa foi fundamental para concretizar a proposta das aulas, em 2021, no modo virtual, em decorrência das medidas sanitárias de enfrentamento da pandemia da *corona virus disease* (COVID-19). Desse modo, o ensino foi convertido para o modelo de atividades síncronas e assíncronas, sendo necessário que o docente envidasse esforços para ressignificar os métodos de ensino, com intuito de viabilizar a aprendizagem e o desenvolvimento de criticidade e autonomia dos discentes na criação, recriação e produção dos seus próprios textos (Brasil, 2017; Marcushi, 2008).

Ao trabalhar com a CNV como prática restaurativa (Rosemberg, 2006), é possível perceber sua contribuição para a criação de espaços de diálogo que promovem a resolução de conflitos de maneira empática e construtiva, princípios que também estão presentes na Justiça Restaurativa (JR). Ambas buscam a promoção de uma escuta ativa e empática, além de ampliar essa abordagem ao busca reparar danos e ressignificar as experiências de dor e conflito por meio do diálogo e da inclusão de todos os envolvidos (Beordo; Silva, 2024).

A CNV é baseada em princípios relacionais como necessidade, a observação, o sentimento e o pedido, numa interação que favorece o exercício da empatia, pois, embora possamos não considerar violenta a maneira de falarmos, nossas palavras podem induzir à mágoa e à dor, seja para os outros, seja para nós mesmos (Rosemberg, 2006). Sendo assim, durante as aulas, buscou-se não apenas trabalhar as causas e os efeitos destes problemas, mas, primordialmente, enfatizou-se o desenvolvimento de conteúdos focados nas abordagens da CNV no âmbito escolar por meio de gêneros textuais.

Objetivo

Descrever a experiência vivenciada com o projeto de práticas restaurativas na escola, que buscou introduzir a temática da CNV na dinâmica de atividades escolares, a partir de uma programação de sequências didáticas adaptadas para cada público e realidade pedagógica da unidade de ensino.

Descrição da Experiência

O projeto de práticas restaurativas na escola, voltado para a prevenção à violência e promoção da saúde (Brasil, 2010; Nunes, 2014), foi adaptado com aplicação didática, mediada por ferramenta virtual. O ensino remoto, por meio das tecnologias digitais e metodologias ativas, foi uma oportunidade ímpar para reunir evidências sobre a importância da inserção das práticas restaurativas na escola, já que permitiu desenvolver habilidades não treinadas tradicionalmente, as quais não se pode aferir o quanto seriam consideradas em um contexto diferente deste atual.

A atuação como docente de Língua Portuguesa de duas turmas da educação básica foi desafiadora, sendo um fator satisfatório poder observar como os discentes naturalmente desenvolveram a aprendizagem, de forma autônoma e crítica, recriando a realidade em suas produções textuais e audiovisuais, assumindo o protagonismo no processo.

As aulas ocorreram sempre às segundas-feiras e às sextas-feiras, tratando sobre o ensino dos gêneros textuais a partir de histórias em quadrinhos, poemas, textos analíticos/descritivos pessoais, interpretação de temas, músicas, paródias, narrações de partidas de futebol, notícias em blogs, jornais, entre outros. Além disso, a sequência didática contemplou assuntos selecionados para o ensino de gramática, dos artigos e numerais, das interjeições e outras classes gramaticais, sempre associados ao cotidiano e as vivências do contexto social e escolar dos discentes.

Em todas as aulas, a participação dos discentes foi constante, quer seja falando, quer seja digitando no chat, sendo que as impressões foram todas muito positivas, pois puderam

emitir suas opiniões a respeito dos conteúdos, dentre outras peculiares do período de descobertas, que eticamente foram oportunizadas à discussão. Falaram sobre vacinas, sobre pandemia, sobre futebol, sobre animais de estimação, sobre as necessidades diversas, como a simples necessidade de falar, de conversar, de ser ouvido.

Como docente e facilitador do processo, foi permitido que os discentes falassem, sugerindo que não se reprimissem em suas necessidades. Em resposta, os discentes mostraram-se satisfeitos com a metodologia, pedindo para que as aulas fossem aplicadas sempre com a mesma ênfase. Percebeu-se o quanto é gratificante o reconhecimento pelo exercício proposto em sala de aula: a reflexão sobre a empatia, o cerne da CNV.

O primeiro ato da sequência didática foi auxiliado pelo grupo de WhatsApp da disciplina, para o qual foi encaminhado o link de um pequeno vídeo explicando “o que é Comunicação Não-Violenta”, que foi assistido e dado prosseguimento da aula. Foram trabalhados os conceitos, a partir de exemplos do cotidiano, como saber o que é uma necessidade, o que uma pessoa sente quando não tem sua necessidade atendida e como falar de modo assertivo para que as necessidades sejam contempladas.

Em continuidade, foi proposta uma produção textual, na qual cada discente deveria apresentar o colega, e não a si próprio, de modo que dissessem como gostariam que fossem apresentados, usando adjetivos que gostariam de lhes serem atribuídos. Como resultado, os discentes mostraram o que aprenderam sobre o conceito de empatia ao fazer a apresentação do colega, além disso, propiciou a criatividade e socialização entre as turmas, já que a dinâmica de ordem de apresentação foi de acordo com a relação dos nomes que estavam no chat e não de forma livre.

Durante as aulas, a discussão sobre os conteúdos, a exemplo do vídeo “o que é comunicação não-violenta”, destacando-se os quatro elementos da CNV, permitiu que os discentes construíssem em conjunto, na plataforma virtual *Padlet*, um catálogo de sentimentos, sensações, sentidos e emoções, ligado às necessidades, envolvendo a CNV, utilizando interjeições, inclusive com a inserção de imagens, vídeos, poemas, entre outros. Da mesma forma, o gênero textual paródia foi explorado a partir das sugestões apresentadas com a disponibilização de letras, as quais os discentes recriaram com suas próprias palavras.

A sequência didática, ao focar na produção textual, apresentou alguns gêneros textuais como notícias, memes de internet, poemas, quadrinhos, entre outros, abordando exemplos com assuntos do cotidiano e realidades dos próprios discentes, o que gerou engajamento e notória participação. Em vista disso, como produção final, para fechar a sequência didática com atividade avaliativa, foi proposta a reescrita do gênero notícia, trazendo assuntos relacionados à existência de um mundo voltado para a prevenção da violência e com linguagem não violenta.

Repercussões

Foi gratificante verificar o desempenho dos discentes na entrega da atividade avaliativa final, pela forma comprometida como buscaram desenvolver o produto para a apresentação. Ao assistir às apresentações, percebeu-se o quanto os discentes se empenharam na construção da reportagem e/ou notícia. As produções foram muito criativas, compostas por vídeos, roteiros escritos no caderno, sendo diversas as formas de apresentações. Logo, salvo rara exceção, avaliou-se que as produções atenderam aos critérios da proposta, considerando o conceito de empatia em prática e os princípios da CNV.

O resultado proporcionou aperfeiçoar o objeto de estudo e de engajamento, dando elementos para fomentar novas propostas e criação de novas perspectivas de abordagem sobre o tema. Restou evidente que as práticas restaurativas podem e devem ocupar lugar sistêmico nas diversas esferas sociais, em especial na escola, por ser o primeiro elo de

participação e de oportunidade para a reflexão sobre questões abrangentes e necessárias como a prevenção da violência, a promoção da saúde e da cultura de paz.

Considerações Finais

O relato da experiência vivida no contexto da pandemia, a partir da concretização de uma proposta de aplicação práticas restaurativas por meio de uma sequência didática como estratégia de ensino, foi duplamente desafiador. Por um lado, havia a necessidade de conhecer, compreender e dominar as ferramentas digitais e tecnologias ativas, tendo em vista processos de multiletramentos, tanto para o docente quanto para o corpo discente, por inúmeras razões, inclusive a de falta de acesso.

Por outro lado, levar para a sala de aula a temática das práticas restaurativas, um conteúdo com propostas de quebra de paradigmas, sendo adaptado e relacionado com o ensino de Língua Portuguesa, gerou uma responsabilidade ainda maior, dado à sensibilidade das questões transversais e interdisciplinares que o tema permite tocar, principalmente por não se restringir ao campo da educação, mas ampliando para as áreas da segurança e da saúde públicas.

Descritores: Comunicação. Ensino. Prevenção.

Eixo Temático: A saúde coletiva no enfrentamento da violência

Referências:

BEORDO, Matheus; SILVA, Priscila Chantal Duarte. A justiça restaurativa e a comunicação não-violenta como estratégia na cultura organizacional no sistema judiciário: uma revisão narrativa da literatura. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 17, n. 9, p. e11037, set. 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/11037>. Acesso em: 14 out. 2024.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NUNES, Antônio Carlos Ozório. **Diálogos e mediação de conflitos nas escolas: Guia prático para educadores**. Brasília: CNMP, 2014.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. Tradução de Mário Vilela. 2. ed. São Paulo: Ágora, 2006.